

FERNANDA: Oi, boa noite, Josée Maria, tudo bem?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Tudo bem.

FERNANDA: Aqui é a Fernanda Samblar Sanglard, da CONVEMG. Josée Maria, eu queria saber se a gente tem autorização então para gravar o seu depoimento, para poder usar no nosso relatório?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Sim.

FERNANDA: Podemos usar, podemos gravar né?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Sim, podemos gravar.

FERNANDA: Então táa ótimo, olha eu queria começar então. Hoje é dia 20 de julho de 2017, às 18h38min, o depoimento de Josée Maria, gravado por Fernanda...

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: JoseJosé Maria dos Santos.

FERNANDA: Jose José Maria dos Santos, gravado por Fernanda Samblar Sanglard. Então José Maria, eu queria começar pedindo para você se identificar, o seu nome completo, a sua idade, quando e onde você nasceu, qual que é a sua profissão, essas informações?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Tudo bem. Meu nome é JoseJosé Maria dos Santos, eu sou natural de Miradoro, nascido em Miradoro né, eu sou de 02 de abril de 1957.

FERNANDA: Uhum.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: A minha profissão eu sou lavrador, sou casado né, tenho três filhos, e sou pequeno agricultor.

FERNANDA: Táa ótimo, e hoje você vive onde?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Atualmente estou morando em Visconde do Rio Branco.

FERNANDA: Táa ok. E Josée Maria, a gente teve então a informação de que nos anos 80 né, você tinha um movimento envolvimento com a questão sindical né, do movimento dos trabalhadores rurais, e que foi perseguido na região de Miradoro, eu queria que você contasse um pouco sobre isso, o inícicio assim da sua luta, pelos direitos né dos trabalhadores, e tudo... e como que culminou nessa questão da perseguição?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Olha, na verdade, a gente começou a atuar na organização sindical, a partir de 84, em 1984, quando a gente começa a atuar de forma mais ativa nas comunidades eclesiais de base(trecho incompreensível), tinha alguma perspectiva nova dentro das comunidades, a gente tinha como foco um outro ponto de vista, na questão social né, o campo estava muito abandonado, não era protegido, uma séerie de lei trabalhista, direito de



aposentadoria, direito do trabalhador desrespeitado, ia começar a discutir, debater esses problemas, nas comunidades Guilherme de basteseclesiais de base, surge a partir de alguma contradições, nas comunidades a necessidade de alguma ferramenta, de um instrumento que pudesse fazer pelo menos, dar um suporte, aos agricultores, aos trabalhadores, excluídos da sociedade na verdade né.

FERNANDA: Uhum.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: O assalariado que não tinha os seus direitos respeitados, era parceiro que não tinha o seu direito respeitado, era arrendatário, no fundo era uma gama enorme de trabalhadores que não tinha os seus direitos respeitados.

FERNANDA: Uhum.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Em 84, na verdade, estava finalizando a ditadura militar, só que ainda existia naquele período, um aparato muito forte, ou seja, a ideia do aparato policial local, aquela ideia de ditadura, de poder, acima das outras pessoas, ainda era muito forte, portanto quando a comunidade Guilherme de Bastoseclesial de base começa, há na verdade uma percepção bastante ideológica contra aquelas pessoas, e causa (trecho incompreensível) até perseguição né... qQuando surge a ideia de construir uma ferramenta, e aí aparece uma primeira ferramenta de organização sindical né.

FERNANDA: -Uhum.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: E ai aí o sindicato, ele aparece como uma ferramenta e seria na verdade uma irritação muito grande dos empregadores rurais, os fazendeiros, porque surge então ai, começa um instrumento, não é, que contrapunha o poder que esses fazendeiros tinham só para os trabalhadores, ou seja, essa ferramenta tinha como função, e como papel defender os direitos dos trabalhadores. Esse fazendeiro que nunca ter sido contrariado em seus desejos né, se sente ameaçado a partir da criação desse instrumento né.

FERNANDA: -Uhum.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Fernanda, se você tiver com alguma duvida, você vai cortando.

FERNANDA: Ta Tá ótimo, táa ótimo, pode falar que eu estou compreendendo direitinho.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Esta compreendendo né?

FERNANDA: Estou.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Isso, a partir da criação do sindicato, se você levar em conta



que em Miradouro, a nossa justiça Justiça do trabalho Trabalho estava em, de Cataguases, aíi você pega de Miradoro a Cataguases, você vai entrar em alguma coisa em torno de 150 quilômetros aproximadamente. Ta certo trabalhador, láa na Serraria, háa 20 quilômetros de Miradouro praticamente, empregado, era 1% muito difícil para ele entrar na Justiça do Trabalho... Oeu seja, tinha os seus direitos lesados e não tinha a quem reclamar e nem como reclamar, era impossível para ele, ele não conhecia advogado, não conhecia justiça do trabalho, e ele não tinha nada disso né, quando surge o sindicato e ai aquela junção do trabalhador, a primeira coisa que ele passa a ter é acesso à informação, esse é o grande gargalo, né. O sindicato propicia a ele, essa informação, que é o advogado, que é os seus direitos, e isso criou uma irritação muito grande na cidade, porque os fazendeiros se sentiram ofendidos na sua postura de autoridade, né., Pporque ele mandava, ameaçavam, mandava perseguir, o trabalhador que procurasse a justiça do trabalho, não arrumar emprego em fazenda nenhuma, era ameaçado de morte, em alguns casos, parceiro que na verdade era só de fachada porque, ele era parceiro nel palavra, mas trabalhava muito mais que mais forte do que a própria parceria, e a gente naquele período acabaram <u>acabou</u> quebrando um pouco isso, né<u>-. E</u>eu fui o primeiro presidente do sindicato, o sindicato foi fundado em 86.

FERNANDA: No sindicato de Miradouro né?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: De 84 ate 86, justiça do trabalho só de fazer o trabalho de reflexão, já causou um grande transtorno. E quanto isso o sindicato de 86 chega ao ápice da irritação dos proprietários.

FERNANDA: Então o sindicato de Miradouro foi criado em 86 né?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Isso.

FERNANDA: E a<u>í há</u>i uma criação de vários sindicatos mais ou menos no mesm<mark>o período né, porque o de Tomos...?</mark>

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: É a mesma época.

FERNANDA: Aham.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Na mesma época, o que nos propiciou um aporte maior de organização, foi que a Mosoro da Serra, Comissão Pastoral da Terra nos assessorava nessa época, não e tinha um companheiro, o Almir, da CPT, de Mossoró da Serra Comissão Pastoral da Serra, assessorava a gente, e ai acabou criando um vínculo de solidariedade entre sete ou oito sindicatos na região, que foi Muria eé, Miradouro, Carangola, Higienópolis Eugenópolis e isso acabou fortalecendo, porque a realidade de Miradouro é a mesma realidade de Muria é.



carangola, município de Carangola de todo um em torno, essa ideia de um sindicato fortalecendo o outro, acabou fortalecendo muito. Táa certo, Tombos foi criado na mesma época, os mesmos conflitos que aconteceu em Tombos aconteceu em outras cidades, em algumas cidades era mais acentuado né, em função da justiça da dinâmica da Justiça do Trabalho, por exemplo, algumas unidades era bem mais acentuada.

FERNANDA: Uhum, então esse movimento começa em 1984, com as comunidades eclesiais de base com apoio da CPT também, ate que se formaliza então o sindicato em Miradouro em 1986, é isso, né?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Isso.

FERNANDA: E aí, depois de criado o sindicato, você foi o primeiro presidente, como que foi essa questão da relação com a delegacia do trabalho, por exemplo, com os fazendeiros, como que começam essas ações de retaliação dos fazendeiros lá em Miradouro?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Olha, a partir da criação do sindicato, a gente tem algumas vitóerias assim bem interessantes. Uma das vitóerias importante, era acessar a questão do INSS, mesmo que não tenha nada haver a ver com a minha entrevista, depois você exclui na hora de fazer o relatório.

FERNANDA: Uhum.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Mas para você ter uma noção do contexto.

FERNANDA: Ta.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: A gente não tinha acesso ao INSS, na época era INPS, Funrural.

FERNANDA: Funrural né?

JOSEJOSE MARIA DOS SANTOS: Isso, toda essa questão. E isso começa acessando essa informações tivemos lutas muito importante para a questão da divida dos pequenos agricultores, automóveis do Brasil, e ai a gente começa chegar na orientação dos trabalhadores, tanto parceiro né, arrendatário e os assalariados que tinham na região. E como é que começa o conflito,—?

Uma serie de fazendeiros na região nunca tinha conversado com ninguém, nunca! Ninguém tinha tido, nem esclarecimento e nem coragem para poder consertar contestar aqueles fazendeiros da região. E ai o sindicato, começa orientar e conduzir primeiro os direitos trabalhistas, de uma proposta do sindicato, e isso cria uma irritação muito grande dos fazendeiros, que nunca tinha sido contrariado né. e ai começa as primeiras retaliações. Em 87, mais ou menos



quando a gente começa ganhar as primeiras ações trabalhistas, começa primeiro ameaça primeiro começa a exclusão da própria cidade, como que faz a exclusão na cidade, quando eu chegava na cidade, aquele pessoal que tinha alguma coisa, o pessoal maior já olhava o Jose José Maria de forma atravessada né. eEu não tinha muito acesso ao Poder Publico Público, porque é uma política questionadora né, era fazendeiro que estava com o prefeito, então não tinha acesso ao Poder Púublico. A policia militar Polícia Militar, por exemplo, a delegacia, esse pessoal também não tinha muito acesso porque, porque normalmente naquele período no pos-ditadura, primeiro porque a policia militar se sentia dona da cidade, não tinha ninguém para contestá-los, segundo o poder publico local estava sempre ligado aos fazendeiros, que era os fazendeiros que dirigia. Então eles tinham poder publico do lado deles, alguém que contrariasse esse direito, com certeza era injustiçado, então a gente não tinha o que falar com o poder publico.

FERNANDA: E você acha que não tinha, esse respaldo do Poder Púublico, porque ainda era um resquício do póes-ditadura que estava muito próximo?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Da ditadura, era o resquício da ditadura sem dúvida nenhuma! A ideia que esse Poder Púublico tinha nesse período, é de que tinha o poder na mão, o poder político na mão que era o prefeito, que era vereadores, tinha o delegado, a policia militar que, portanto capacita outras pessoas, alguém contrario a esse principio, era considerado inimigo, ou seja, a primeira coisa que sentia era excluído dentro da sua própria cidade né, todo mundo olhando você de banda. Você ia a farmácia, o cara te olhava você de banda, esse cara é o agitador, cara é o agitador. Então começa a se sentir excluído dentro da sua própria cidade né, e quando foi em 88, final de 88, iniciando 89, começou as ameaças de fato né, a gente bem inocente do fato, puramente com as boas intenções, não deu muito conhecimento não, a. Mas aí a gente, quando chega o final de 88, a gente passa a perceber que eram ameaças muito reais, e ai um período um fazendeiro, que chegou a procurar o meu pai e falou: "ou o seu filho sai dessa, ou ele vai amanhecer com a boca cheia de formiga!"! eEntão ficou um clima muito ruim. Peorque eu não quero que você fique em casa, nem a sua família, afi alguém vai lá na casa dos seus pais, vai ameaçar o seu filho?, Eentão ficou uma situação muito ruim, e aíi a gente sentiu que realmente era uma ameaça muito real, e que a gente precisava tomar algumas medidas, não só com a gente, mas com todos os colegas, né. Ttivemos toda uma mobilização na época, na época o Raul, o... Ffugiu o nome dele. Raul Messias.

FERNANDA: Como é que era o nome?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Raul Messias.



IDEIAS E INOVAÇOES

FERNANDA: Raul?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Messias.

FERNANDA: Messias?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Isso.

FERNANDA: Aham.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Ele era deputado estadual, então acabava tendo uma assembléia legislativa, a gente criou um espaço dentro da Esetaemg, então acabou fazendo uma mobilização grande e acabou inibindo um pouco, mas as ameaças eram muito reais, a ponto da companheirada chegar à conclusão que eu teria que mudar da região por causa das ameaças, né.

FERNANDA: Uhum.

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Então, com a o apoio da CBT CPT, eu acabei saindo do município né, eu fui para Barbacena, fiquei em Barbacena dois meses, depois eu fui para Viçosa a, com a minha família, fiquei com a minha família, e depois acabou se instalando aqui em Visconde do Rio Branco.

FERNANDA: Você já era casado na época?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Sim, eu casei em 79. Eu já tinha três filhos.

FERNANDA: Você já tinha três filhos na época?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Sim, eu já tinha três filhos. Esposa e três filhos.

FERNANDA: Uhum. E você chegou a sofrer algum atentado, alguma coisa que você tem conseguido... Ceomo, por exemplo, que aconteceu com o Derli [Vanderli Pereira Pinheiro], que teve uma emboscada para ele, alguma coisa assim ou não, você saiu antes que isso acontecesse?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Olha, deixa eu te falar, como a gente estava como os companheiros viram que já estava com problema muito séerio com o Derli, né. e-O Derli chegou realmente a ser emboscado né, e ai houve a gente conseguiu, e a companheira conseguiu fazer uma mobilização muito grande né, inclusive em nível nacional, a CBT-CPT tinha uma influencia a nível nacional, e houve uma pressão muito grande no poder militar constituindo constituído um no município, e isso acabou inibindo um pouco, né. Mmas eu sofri ameaça de espancamento, houve coercitiva de tentativa, ameaça dês de espancamento, houve dentro do próprio sindicato, de sorte estava com os companheiros que acabaram intervindo e não se consolidando, né.

FERNANDA: Dentro do sindicato, quem entrou dentro do sindicato atrás do senhor?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Um tal de JoseJosé de Paula, lá em Miradouro, na época né.

um dose losé de Paula, o v A Ç Õ E S FERNANDA: Ele era fazendeiro ou era jagunço?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Não, era... Tinha um titica de terra. Era um titica de terra, aAquela pessoa que estava ligado ligada ao poder, é isso que eu estou falando, Você que é da cidade grande né, às vezes não tem muitae noção do que acontece na cidade pequena. Ceidade pequena todo mundo conhece todo mundo, que lá agora tem dez dois mil habitantes. Então, um agitador, o JeseJosé Maria era o agitador, porque então todo mundo conhecia o JeseJosé Maria né. Na época era comunista, o agitador, todo mundo sabe quem é, qualquer um que dói esteja do lado do pelo fazendeiro, tinha uma ligação com o fazendeiros, ao ver José Maria ou ver qualquer atuação, já não queria logo papo, então não queria falar nele. Mas algum dia foi coisa nenhuma né, foi muito mais àquela intenção de dar uns tapas, ou de fazer pressão nao JoseJosé Maria, e depois sair se gabando aquele troço, do que ele ter guerra na verdade, née. Uma ação era uma coisinha a toda, não era coisa de vulto né, eu já tido ações lá com muito mais vulto, com muito mais impacto né.

FERNANDA: Uhum, e ai esse senhor que o senhor falou o Jose José de Paula então, foi ao sindicato e ai chegou lá ele ameaçou o senhor de que, como é que foi? Eele estava armado?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Espancar.

FERNANDA: Ele estava com faca?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: É.

FERNANDA: Ele estava com faca?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Não, de espancar.

FERNANDA: Ah, ele queria te-agredir mesmo, fisicamente, o senhor?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Agredir, agredir mesmo.

FERNANDA: Entendi. E aí foram outras pessoas que contiveram ele lá né?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Exatamente, por sorte que o companheiro de Muriaé, que a gente chamava de José Maria de Muriaé, que virou companheiro nosso né.

FERNANDA: Que virou prefeito?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Hein?

FERNANDA: É o Jose José Maria Pinto, que virou prefeito depois?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Isso, isso mesmo. E ai o JoseJosé Maria acabou contendo o rapaz, e depois o rapaz saiu, e foi embora e foi uma pressão psicológica, foi uma coisa muito complicada viu. Que a pressão psicológica do póes-ditadura foi muito forte, foi muito forte! Na cidade interior foi muito forte a pressão psicológica, de mandar recado, de, p... Por exemplo, na

época do meu pai, foi um golpe muito forte para mim porque eu tinha, eu estava convicto que eu estava fazendo o bem para a sociedade né, então eu tinha muita convicção o que eu queria, e

IDEIAS E INOVAÇÕES

fazer essa defesa dos trabalhador para mim era uma coisa muito importante, então eu sou uma pessoa muito clara do que eu queria, não tinha surto de assumir essa convicção e isso acabou me expondo muito e expondo a minha família, né.

FERNANDA: Uhum. E essa outra ameaça que o senhor falou que levou mesmo o senhor a se mudar que foi essa que seu pai recebeu né, quem que era o fazendeiro que foi procurar o seu pai, você lembra o nome?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Era um tal de David Dadi Campos.

FERNANDA: Como?

JOSÉ MARIA DOS SANTOS: Já é falecido já. Dadi Campos.

FERNANDA: Dadi Campos?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: É hoje ele já é falecido já.

FERNANDA: Soletra para mim, da, di? D – A – D – I?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: É. Dadi, eu sei o apelido dele, na verdade eu não sei o nome dele sabe.

FERNANDA: Aham, e o sobrenome é Campos, cam... pos?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Isso, o sobrenome era Campos, né, Dadi Campos. Esse Dadi foi atée o meu pai e falou: "manda o seu filho parar", na verdade, tinha uma ação contra ele, mas era uma coisa pequena também, não era muito grande, o problema era quebrar o orgulho dele, esse que era o problema.

FERNANDA: E essa ação era por quê? Era questão trabalhista, era questão de disp<mark>uta de terra?</mark>

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Trabalhista. Era questão trabalhista.

FERNANDA: Oh Jose José Maria, eu não sei vê se eu consigo compreender a questão do contexto corretamente, há uma diferença da Zona da Mata então para a região Norte do estado de Minas, bem significativa nessa questão. Enquanto no Norte a maioria dos conflitos eram relacionados à questão de disputa de terra por posseiros que eram expulsos e tal, e por essa questão da reforma agrária mais especificamente, aqui na Zona da Mata, parece que a questão mais importante era a questão dos direitos trabalhistas, não é isso?

JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Sim, não tenha d<u>ú</u>uvida disso!

FERNANDA: Uhum.



JOSEJOSÉ MARIA DOS SANTOS: Incluindo aíi direitos sociais, mas direitos sociais era é uma questão mais jurídica, não tinha muito ameaça, mas o movimento do INSS ia para a discussão do INSS com o diretor do INSS, e era um conflito mais jurídico, o problema nosso era a ação trabalhista, já tinha de Miradouro a Cataguasense Cataguases, eu agora de eó cor não me lembro, mas alguma coisa próximo a 100, 150 quilômetros, não era muito longe, uma precariedade, o meio de transporte de Miradouro a Cataguases, para uma ação trabalhista era uma coisa parece que impossível para o trabalhador, e na Zona da Mata, sempre foi muito restrito o número de juntas de Justiça do Trabalho, se você for pegar, por exemplo, o caso de Derli, que vai ser bastante parecidoa, a questão dos fazendeiros e meeiros, a questão dos direitos trabalhistas, se você for pegar alguém de Carangola vai parecer, Vieira, no meio vai aparecer essa questão trabalhista. Eu não sei se o Derli, deixa dar isso claro na entrevista dele.

FERNANDA: Deixa, deixa sim, ele também chegou a comentar sobre isso.